



Religiosidade na pós-modernidade: uma análise integrada das perspectivas psicanalítica e filosófica

Religiosity in postmodernity: an integrated
analysis of psychoanalytic and philosophical
perspectives

*Hugo Brandão**

IFAL

*Flávio Veiga***

IFAL

*Luna Brandão****

IFAL

*Gyovanna Zumba*****

IFAL

Recebido em: 07/06/2025. Aceito em: 02/12/2025.

* Doutorado e Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, Recife, nos respectivos anos de 2020 e 2015. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e professor de Filosofia no Instituto Federal de Alagoas. Líder de dois Grupos de Pesquisa CNPq: o Núcleo de Estudos da Religião na Educação e Sociedade – NERES, e o Núcleo de Estudos de Filosofia – NEFIL.

E-mail: hugo.brandao@ifal.edu.br e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9665-089X>.

** Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco em 2023, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco em 2016. Graduado em História, ambos pela Universidade Federal de Alagoas em 2004. É docente efetivo do Instituto Federal de Alagoas – IFAL Campus Murici.

E-mail: flavio.veiga@ifal.edu.br e ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4746-1536>.

*** Ensino médio profissional incompleto no Curso de Informática do Campus Satuba no Instituto Federal de Alagoas. Pesquisadora e bolsista no Programa de Iniciação Científica do IFAL entre os anos 2024 e 2025. Participante do Núcleo de Estudo da Religião na Educação e Sociedade (NERES) e do Núcleo de Estudos de Filosofia (NEFIL), ambos Grupos de Pesquisa CNPq vinculados ao IFAL.

E-mail: lecb1@aluno.ifal.edu.br e ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3572-1376>

**** Graduada em Psicologia pela Uninassau. Ensino médio profissional completo no Curso de Agroindústria do Campus Satuba no Instituto Federal de Alagoas em 2024.



Resumo: O presente estudo investiga a religiosidade na pós-modernidade a partir de uma análise que articula contribuições das abordagens psicanalíticas e filosóficas utilizando autores como Freud, Lacan, Taylor e Bauman. Objetivamos compreender de que maneira as transformações das estruturas sociais e culturais, características da pós-modernidade, impactaram na religiosidade pós-moderna, levando-se em consideração abordagens subjetivas e coletivas. Especificamente a partir da primeira dimensão, examinamos o papel do desejo e do sagrado na psicanálise. Pelo segundo viés analisamos concepções de secularização, pós-modernidade e religiosidade pós-moderna a partir da filosofia contemporânea. Nossa metodologia consiste na perspectiva teórica e na abordagem qualitativa, por meio da revisão bibliográfica e análise crítica dos conceitos provenientes dessas interlocuções. A leitura de Freud e Lacan tratou da relação entre desejo e ilusão religiosa e destes com a estrutura simbólica, enquanto Taylor e Bauman fornecem interpretações sobre as mudanças socio-culturais que moldam a experiência religiosa atual. A abordagem comparativa e dialógica busca integrar essas perspectivas, ressaltando pontos de convergência. Os resultados indicam que Freud e Lacan enxergam o desejo como força central do laço religioso, enquanto Taylor e Bauman mostram como a secularização e a fluidez da modernidade transformam a religião em práticas mais individualizadas. Concluímos que a religião persiste, mas se reinventa diante das exigências do mundo pós-moderno.

Palavras-chave: Psicanálise; religião pós-moderna; pós-modernidade.

Abstract: This study investigates religiosity in postmodernity based on an analysis that articulates contributions from psychoanalytic and philosophical approaches using authors such as Freud, Lacan, Taylor and Bauman. We aim to understand how the transformations of social and cultural structures, characteristic of postmodernity, have impacted postmodern religiosity, taking into account subjective and collective approaches. Specifically from the first dimension, we examine the role of desire and the sacred in psychoanalysis. From the second bias, we analyze conceptions of secularization, postmodernity and postmodern religiosity from contemporary philosophy. Our methodology consists of a theoretical perspective and a qualitative approach, through a bibliographic review and critical analysis of the concepts arising from these interlocutions. The reading of Freud and Lacan dealt with the relationship between desire and religious illusion and between these and the symbolic structure, while Taylor and Bauman provide interpretations of the sociocultural changes that shape the current religious experience. The comparative and dialogical approach seeks to integrate these perspectives, highlighting points of convergence. The results indicate that Freud and Lacan see desire as the central force of the religious bond, while Taylor and Bauman show how secularization and the fluidity of modernity transform religion

Pesquisadora e bolsista no Programa de Iniciação Científica do IFAL entre os anos 2024 e 2025. Participante do Núcleo de Estudo da Religião na Educação e Sociedade (NERES), um Grupo de Pesquisa CNPq vinculado ao IFAL.

E-mail: mgaz1@aluno.ifal.edu.br e ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4926-6356>.



into more individualized practices. We conclude that religion persists, but reinvents itself in the face of the demands of the postmodern world.

Keywords: *Psychoanalysis; postmodern religion; postmodernity.*

Introdução

A relação entre religião e Pós-modernidade é um campo fértil de investigação que conecta fenômenos culturais, sociais e subjetivos, refletindo as mudanças profundas que caracterizam a contemporaneidade, sendo sua análise o objetivo principal desta pesquisa.

Logo, objetivamos investigar a religiosidade na Pós-modernidade a partir de uma integração entre as perspectivas psicanalítica e filosófica, analisando como os conceitos de Freud (2018) e Lacan (1988) sobre o desejo e a ilusão religiosa dialogam com as ideias de Charles Taylor (2010a) e Zygmunt Bauman (2013) sobre secularização, identidade e religiosidade pós-moderna em virtude de compreendermos de que maneira esses autores, cada um a partir de sua abordagem teórica, contribuem para o entendimento das transformações religiosas em um contexto cultural caracterizado pela fragmentação, pluralidade e questionamento das normas tradicionais, características da pós-modernidade. Vejamos,

Não é em toda parte, porém, que essas condições parecem, hoje, estar prevalecendo: é numa época que Anthony Giddens chama de 'Modernidade tardia', Ulrich Beck de 'Modernidade reflexiva', Georges Balandier de 'super Modernidade', e que eu tenho preferido (junto com muitos outros) chamar de 'pós-moderna': o tempo em que vivemos agora, na nossa parte do mundo (ou, antes, viver nessa época delimita o que vemos como 'nossa parte do mundo') (Bauman, 2013, p. 30).

Apresentaremos uma síntese entre as abordagens psicanalítica e filosófica, de modo a fornecer uma visão abrangente sobre as dinâmicas religiosas contemporâneas. Pois, a psicanálise e a filosofia oferecem perspectivas analíticas complementares que permitem compreender tanto os aspectos individuais quanto coletivos dessa transformação. Enquanto a psicanálise de Sigmund Freud (2018; 2013) e Jacques Lacan (1988) explora a dimensão subjetiva do desejo e do sagrado, filósofos como Taylor (2010a) e Bauman (2013; 2014) destacam os impactos da secularização e da liquidez na religiosidade contemporânea. Segundo Taylor,



Essa mudança representa a área central e a origem da 'secularização' moderna, no terceiro sentido em que tenho empregado este termo, ou seja, das novas condições nas quais crenças e descrenças coexistem de forma conturbada e geralmente entram em conflito uma com a outra na sociedade contemporânea (2010a, p. 354).

Trata-se de um diálogo interdisciplinar que é essencial para aprofundarmos nossa compreensão quanto ao papel da religião em um mundo onde as certezas absolutas se dissolvem em múltiplas possibilidades, no qual, a Pós-modernidade, marcada pela fragmentação das grandes narrativas e pela fluidez das identidades, traz novos desafios e reconfigurações para as formas tradicionais de religiosidade.

A relevância deste estudo reside em sua contribuição para o debate contemporâneo sobre as transformações da religiosidade em um contexto de profundas mudanças culturais e subjetivas, visto que, ao integrar psicanálise e filosofia, a pesquisa oferece uma perspectiva interdisciplinar que amplia a compreensão do fenômeno religioso na pós-modernidade, destacando tanto os aspectos individuais quanto os coletivos desse processo. Conforme afirma Matteo, “Teoricamente, o diálogo entre psicanálise e filosofia é possível, desejável e certamente pode ser produtivo” (p. 208, 2021). Essa abordagem também ajuda a superar dicotomias tradicionais entre fé e razão, subjetividade e cultura, mostrando como esses elementos se entrelaçam de maneira complexa e dinâmica.

O texto está organizado de forma a apresentar, inicialmente, as contribuições de Freud (2018; 2013) e Lacan (1988) para o entendimento do desejo e do sagrado, seguido pela análise das ideias de Taylor e Bauman sobre secularização e religiosidade pós-moderna, culminando na integração dessas perspectivas e na discussão de suas implicações para a compreensão da religião na contemporaneidade. Portanto, a metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa e teórica, fundamentada em revisão bibliográfica e análise crítica das obras principais de Freud, Lacan, Taylor e Bauman, trata-se de uma pesquisa inteiramente bibliográfica que parte de uma análise detalhada dos conceitos centrais desses autores, como o desejo e o Nome-do-Pai em Lacan (1988), a ilusão religiosa em Freud (2018), a secularização em Taylor (2010a) e a liquidez da religiosidade em Bauman (2014). A integração dessas perspectivas foi realizada por meio de uma abordagem comparativa e dialógica, que busca identificar convergências, divergências e complementaridades entre os campos da psicanálise e da filosofia.



Tal análise foi estruturada em torno de três eixos principais: a psicanálise e sua crítica à religião, a filosofia e sua abordagem das transformações socioculturais da religiosidade, e a síntese dessas perspectivas no contexto da pós-modernidade.

1 A Perspectiva Psicanalítica

Utilizando uma perspectiva psicanalítica, nós veremos a ressignificação da Transcendência na pós-modernidade, destacando como a figura de alteridade associada a Deus e à Transcendência foi negada ou reformulada (Brandão, 2021). Logo, investigamos a transformação da religião e das experiências religiosas na pós-modernidade, em processo que reflete a crise de legitimação e da função paterna na cultura ocidental, dado que a religião se adaptou às demandas subjetivas dos sujeitos pós-modernos, promovendo experiências que alinham espiritualidade com desejos individuais, afastando-se de sua função tradicional de impor limites e orientar valores coletivos (Lebrun, 2008). Essa transformação evidencia o impacto da pós-modernidade nas construções subjetivas e na religiosidade dos sujeitos pós-modernos que buscam o gozo pleno, exploraremos tal temática psicanalítica a partir das teorias de Freud (2013) e Lacan (1988), passando por Jean-Pierre Lebrun (2008) que destaca como o declínio da Transcendência alterou os laços sociais e gerou novas formas de religiosidade, que constantemente prometem a satisfação de desejos subjetivos, novamente o gozo pleno. Para compreendermos vejamos o que Lacan nos aponta acerca dessa força do desejo:

[...] realizar seu desejo coloca-se sempre numa perspectiva de condição absoluta. É na medida em que a demanda está para além e para aquém de si mesma, que, ao se articular com o significante, ela demanda sempre outra coisa, que a satisfação formulada se estende e se enquadra nessa hiância, que o desejo se forma como o que suporta essa metonímia, ou seja, o que quer dizer a demanda para além do que ela formula. E é por isso que a questão da realização do desejo se formula necessariamente numa perspectiva de Juízo Final (Lacan, 1988, p. 353).

O “gozo pleno” é um conceito associado à busca de satisfação completa e inacabável, isso é uma característica de muitos sujeitos na pós-modernidade, essa busca por satisfação reflete o desejo de escapar do desamparo e do vazio que são constitutivos da condição humana. Na perspectiva religiosa, essa busca é marcada por uma tentativa de



encontrar uma Transcendência adaptada às necessidades individuais, frequentemente ressignificada para atender aos anseios subjetivos por experiências individuais que prometam felicidade, conforto e ausência de sofrimento. Essa promessa de uma vida feliz e sem sofrimentos reconhecemos que é uma ilusão e que é impossível haver uma vida plena sem dificuldades, problemas e com satisfação ilimitada.

Segundo Freud (2018), a religião é uma construção psíquica que surge como resposta ao desamparo humano diante das forças da natureza, do destino e da morte, afirma que a religião funciona como uma neurose coletiva, uma ilusão necessária que oferece consolo ao sofrimento existencial e estabelece um sistema moral através da figura de um Pai onipotente. Essa figura divina exerce o papel do pai da infância – protetor, legislador e punidor – internalizado no superego, o pai primitivo. A religião, portanto, cumpre a função de interditar o desejo e conter os impulsos instintivos (especialmente sexuais e agressivos) por meio de normas e interditos simbólicos, pois, atesta-se nas religiões, onde Deus representaria este pai primitivo e passaria influenciar na organização social (Freud, 2013). Para Freud,

Embora o totem possa ser a primeira forma de representante paterno, o deus será uma forma posterior; na qual o pai reconquistou sua aparência humana. Uma nova criação como esta, derivada do que constitui a raiz de toda forma de religião – a saudade do pai – poderia ocorrer se, no decurso do tempo, alguma mudança fundamental se houvesse efetuado na relação do homem com o pai (1996, p. 151).

Essa perspectiva aponta que a Transcendência, tal como concebida pelas religiões tradicionais, está ancorada na projeção de necessidades infantis não resolvidas, e que sua eficácia depende da manutenção de uma autoridade simbólica externa que legitima os limites morais e sociais. Podemos afirmar, à luz da teoria freudiana, que a crise da Transcendência na pós-modernidade, ao deslegitimar essa autoridade, fragiliza os interditos e abre espaço para a proliferação de formas de religiosidade centradas no eu e em suas pulsões, visto que, Freud (2013) compreende que a busca por uma vida de gozo pleno, tão característica da subjetividade pós-moderna, colide frontalmente com o princípio da realidade, base fundamental do equilíbrio psíquico, pois, a civilização exige a renúncia pulsional em favor da vida em comunidade – um processo doloroso, entretanto, extremamente necessário (Lebrun, 2008). Trata-se de “pulsões de vida buscam preservação e conexão, enquanto as pulsões de morte



estão ligadas a comportamentos autodestrutivos e agressivos” (Escobar; Rodrigues, 2025, p. 4).

A religião tradicional participava desse processo, ao canalizar o desejo para objetos simbólicos e sublimações socialmente aceitas. Com o declínio da função paterna e a consequente perda de eficácia das instâncias de mediação simbólica, como a religião e a cultura, o sujeito contemporâneo tende a buscar uma espiritualidade que legitime seu desejo de satisfação imediata, sem interditos (Brandão, 2021).

Destacamos, estando amparados na teoria de Freud (2005), que se trata de uma nova configuração religiosa, voltada ao bem-estar pessoal, à autoajuda e ao consumo espiritual, isto é, uma tentativa de fuga da castração simbólica e da aceitação do limite. Contudo, salientamos que esse tipo de religiosidade está fadado à frustração, à medida que o desejo humano é, por natureza, insaciável. Não há plenitude, não há “gozo pleno”, nem as experiências religiosas podem oferecer (Lebrun, 2010).

A promessa de uma transcendência adaptada à medida dos anseios individuais é, na lógica freudiana, uma ilusão que apenas mascara a condição trágica e inevitavelmente conflituosa do sujeito diante do desejo e da cultura. Freud (2013) já havia discorrido sobre essa questão em *Totem e Tabu*, defendendo que:

Ao concluir [...] esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião [...] convergem para o complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses (2013, p. 159).

Para Freud (2013), a figura que torna o incesto impossível é a paterna, “o complexo de Édipo teria representação dupla: a castração simbólica e a natureza biológica” (Lacerda, 2023, p. 1377), porém, Lacan diverge, afirmando que não é apenas uma função paterna, mas também uma função da própria linguagem. Isso transfere a autoridade das figuras paternas para as estruturas sociais e linguísticas, uma concepção que é contestada pela crise de transcendência e pela crítica do modelo patriarcal (Lebrun, 2010, p. 29). Vejamos,

Do mesmo modo, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com que pode associar-se como seus iguais – pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele –, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses,



seguindo nisso [...] não apenas um protótipo infantil, mas um protótipo filogenético (Freud, 2018, p. 26).

Já a psicanálise lacaniana explica a relação entre linguagem, desejo, a figura e função paterna, Lacan destaca que o inconsciente tem uma estrutura linguística, e quando uma criança iniciava na linguagem ela demandava renúncia ao gozo imediato e que antes da língua não existe o inconsciente para os indivíduos, pois, “A linguagem é o que constitui a realidade para cada Sujeito, antes dela só há a indiferenciação do Real” (Parcianello; Gradisk; Pinho, p. 10).

A metáfora desenvolvida por Lacan (1997), “Nome-do-Pai” é fundamental, funcionando como um significante que regula os desejos, vontades e estabelece limites, o nome-do-pai seria uma representação das regras e dos limites, onde o pai é o limitador do gozo e apresenta o “não” para o indivíduo ainda na infância, sendo assim, a autoridade simbólica que insere o indivíduo onde prevalece os regimentos sociais e linguísticos. O “não” é algo essencial para a humanidade e na formação dos sujeitos, em contrapartida, a incapacidade dos indivíduos em lidar com os limites na pós-modernidade é algo decorrente do declínio da função reguladora e da crise de autoridade.

A pós-modernidade é constituída por sujeitos céticos e materialistas, segundo Lebrun (2004), o fundamento disso é a ciência moderna que desestruturou gradualmente a Transcendência e a substituiu por uma autoridade técnica e empírica que passa a legitimar o falso e o verdadeiro, nessa perspectiva, Lacan (1988) afirma que a ciência atentou contra a religião, pois, a racionalidade científica intencionou substituir e triunfar sobre a crença, à medida que, renunciar à Transcendência é equivalente a negar a alteridade e essa rejeição promove um modelo relacional narcísico, onde o “eu” torna-se o centro absoluto, criando vínculos frágeis e conflitos interpessoais, enfraquecendo os laços sociais. Enfatizamos, nesse sentido, que a religião promove elementos fundamentais para regular o laço social e estabelecer limites numa determinada sociedade (Lebrun, 2004), pois, “não possibilitamos a superação das metanarrativas [aventada pela Pós-modernidade] como revogação do ‘em-si’ e das metanarrativas que as tornavam possíveis [...] resulta na persistência de um sistema que encobriu o outro, negou a alteridade” (Nascimento, 2025, p. 258).

Segundo Lebrun (2008), a negação da Transcendência resulta em uma sociedade sem limites onde o sujeito não consegue privar seus



desejos em prol de um convívio social mais amplo, essa característica gera conflitos e enfraquece os laços sociais, esse cenário ocorre porque os indivíduos desconhecem os limites ainda na infância e isso afeta toda a vida adulta. Na pós-modernidade a Transcendência passa a ser relativizada e/ou moldada pelas necessidades subjetivas, podemos citar como exemplo a superficialidade das relações na pós-modernidade e a volatilidade delas, a velocidade que as amizades e relacionamentos amorosos começam e terminam, também podemos notar as consequências dessas características pós-modernas através dos números crescentes de depressão em sujeitos, por exemplo.

Na pós-modernidade, a religião perde a sua posição de organizador do laço social, e essa função passa ser do mercado para a busca de satisfação pessoal, a busca pelo gozo pleno, em decorrência disso, a sociedade pós-moderna pode gerar sujeitos divididos e patologias como a fuga da subjetivação e o apego de outras formas de prazer, podemos exemplificar essas outras formas como tecnologias e drogas (Lebrun, 2008). A ausência de confronto com o “não” leva à persistência da onipotência infantil, dificultando o processo de humanização.

A crise de autoridade se manifesta em diversas instituições – família, escola e religião – que perdem seu papel normativo e enfrentam deslegitimação, tornando-se alvos de críticas e escândalos que demonstram estar cada vez mais frágil sua representatividade social de caminho para a integridade moral e de virtudes do ser humano (Brandão, 2021).

A crise de autoridade não se manifesta apenas na religião, mas também pode ser manifestada nas famílias e escolas, essas instituições perdem seu papel normativo e enfrentam a deslegitimação, esses impasses são causados pela falta de aceitação do “não” e dos limites. A pós-modernidade apresenta uma profunda transformação na subjetividade e nos laços sociais, a queda da Transcendência gera uma crise de representatividade nas instituições, especialmente em instituições religiosas, que tentam se adaptar a uma nova realidade, oferecendo experiências religiosas individualizadas e voltadas para o gozo pleno, nesse cenário, a religião passa a se apresentar como um “caminho para felicidade” onde haveria uma vida sem dor e cheio de milagres, que poderíamos intitular como um mundo sem limites e oferta uma fonte fictícia de gozo pleno. Esse cenário reflete a rejeição de limites e a centralidade do “eu” como mediador de valores e crenças. A perda da plausibilidade de Deus como fundamento último é algo que afeta diretamente nos laços sociais pois



abala a função paterna, a função que tem o encargo de sustentar a enunciação (Lebrun, 2004). Segundo Lebrun,

Com efeito, nisso consistirá todo o trabalho de Lacan em retomar de outro modo o que Freud havia iniciado em relação ao Pai. Situe-mos de saída o que está em jogo: a fisiologia do desejo humano é feita de modo que uma renúncia ao gozo imediato e absoluto é necessária para poder desejar. O Sujeito satisfatório, metaforizado pela mãe. É a razão do Interdito do incesto que organiza o que Lacan denomina o caráter mais fundamentalmente decepcionante da ordem simbólica. Mas essa condição do humano é lida de forma diferente por Freud e por Lacan. Freud denominou isso de Édipo. Dito de outro modo ele faz sustentar o pai como aquele que ordenará essa renúncia. Lacan, por sua vez, nos leva a dar um salto epistemológico completamente fundamental, visto que, afinal de contas, ele nos diz que o pai está aí apenas como representante de comércio da Lei da linguagem. Se, para Freud, o proibidor do incesto é o Pai, para Lacan é a linguagem que torna o incesto impossível. Para habitar o mundo mediatizado pelas palavras, o sujeito teve de consentir perder o gozo imediato das coisas. Paradoxalmente a natureza do homem é ter perdido o natural (2010, p. 29).

Podemos concluir que a Transcendência não foi completamente negada mas que ela é ressignificada frequentemente para atender as demandas e as expectativas dos sujeitos pós-modernos e a religião, onde Deus é personalizado em vez de representar limites e exceções universais, podemos exemplificar essas alterações na figura de Deus com casos de indivíduos que desejam seguir as leis de Deus (descritas na bíblia) porém acabam rejeitando algumas partes da bíblia que o censuram e impeçam o seu gozo pleno. Antes uma figura de alteridade e exceção, torna-se um instrumento de realização individual, os fiéis na sociedade pós-moderna personalizam a sua fé com intuito de satisfazer seus gozos pulsionais, esses fenômenos indicam uma transformação radical na relação entre os indivíduos e o sagrado, afetando profundamente o papel da religião na sociedade contemporânea, uma outra característica da religião pós-moderna é o sincretismo religioso, essa prática consiste em unir elementos de diversas tradições religiosas afim de atender expectativas individuais de uma espiritualidade personalizada, como normalmente é vista a união de elementos do catolicismo, cristianismo e candomblé (Brandão, 2021).

As consequências da religião pós-moderna são diversas, porém, ressaltamos que a perda da função normativa da religião como organizadora do laço social e os desafios institucionais, seria os desafios que



as instituições religiosas enfrentam para “atrair” cada vez mais fiéis se adaptando às demandas e tentando suprir as expectativas desses sujeitos na pós-modernidade.

2 A Perspectiva Filosófica

Conforme já mencionamos, a filosofia oferece uma abordagem fundamental para compreendermos a religiosidade na pós-modernidade explorando não apenas as condições socioculturais que moldam o fenômeno religioso, como as transformações no entendimento do sujeito e do sentido do sagrado. Enquanto a modernidade buscou substituir o transcendente por projetos seculares, como a razão iluminista e o progresso científico, a pós-modernidade dissolve essas certezas, abrindo caminho para uma pluralidade de experiências espirituais. Segundo Bauman,

Foi a agonia da infundável jornada que obscureceu o brilho do artifício e lhe amorteceu a atração: recordando o caminho percorrido os que buscavam lares descartariam as esperanças passadas como a miragem – e considerariam sua nova sobriedade frustrada o fim da utopia, o fim da ideologia, o fim da Modernidade, ou o advento da era pós-moderna (2013, p. 100).

Filósofos como Taylor e Bauman, ao investigarem o papel da subjetividade, da autenticidade e da fluidez nas relações humanas, ajudam a iluminar como o fenômeno religioso se reconfigura em um cenário onde as grandes narrativas perderam força (Taylor, 2007; Bauman, 2005). Nesse contexto, a religiosidade contemporânea reflete menos uma adesão a dogmas fixos e mais uma busca individual por significado e pertencimento em meio à fragmentação cultural (Bauman, 2013).

A desconstrução de narrativas universais e a emergência de múltiplas formas de vida espiritual são traços marcantes da religiosidade na pós-modernidade. Taylor (2010a), em sua análise da secularização, propõe que vivemos em uma Era Secular, onde o sagrado não desaparece e sim se transformou, coexistindo com as imensidões do imanente que caracterizam o mundo moderno. Para ele, a autenticidade emerge como um valor central, levando os indivíduos a construir trajetórias espirituais próprias cruzando fronteiras religiosas tradicionais. Por outro lado, Bauman (2014), ao explorar a ideia de *Modernidade Líquida*, destaca como a fluidez das relações humanas influenciam também a experiência religiosa, tornando-a mais transitória e adaptável às necessidades do



momento. Assim, a filosofia oferece uma lente crítica para interpretar como o colapso das instituições tradicionais possibilitou novas formas de religiosidade que, embora mais individualizadas, permanecem profundamente enraizadas na busca humana por sentido.

Taylor (2010a), em *Uma Era Secular*, descreve a modernidade como um espaço onde o transcendente compete com as imensidões do imanente. Na pós-modernidade, a religiosidade é frequentemente reinterpretada como uma busca pela autenticidade, com os indivíduos articulando suas crenças em diálogo com múltiplas tradições. Ele oferece uma análise profunda sobre a secularização e sua relação com a religiosidade na modernidade e pós-modernidade; desafia a narrativa clássica de que o avanço da modernidade resultaria no declínio inevitável da religião. Segundo Taylor,

Não estou defendendo nenhuma tese “pós-moderna” no sentido de que cada um de nós está aprisionado em seu próprio ponto de vista e nada pode fazer para convencer racionalmente o outro. Pelo contrário, penso que podemos apresentar argumentos para induzir outros a modificar seus juízos e (o que está estritamente ligado a isso) a ampliar suas simpatias. Porém, essa tarefa é muito difícil e, o que é mais importante, jamais estará completa. Nós não nos decidimos de uma vez por todas deixar nossos valores. Eles não contam apenas como premissas conscientes que podemos descontar. Eles continuam a moldar nosso pensamento em um nível mais profundo, e somente um intercâmbio franco continuado com quem tem pontos de vista diferentes nos ajudará a corrigir algumas distorções que eles engendram (2010a. p. 502).

Para Taylor (2010a), a secularização não significa o desaparecimento do sagrado, mas uma transformação profunda na forma como ele é vivenciado na modernidade tardia, o espaço público deixa de ser monopolizado pelas grandes narrativas religiosas, dando lugar a uma pluralidade de sentidos, onde crenças e descrenças coexistem em um cenário de constante negociação. Esse pluralismo não representa apenas a liberdade de escolher entre diferentes religiões ou o ateísmo, além disso, a possibilidade de construir experiências espirituais personalizadas. Assim, a pós-modernidade com sua característica desconstrutiva, intensifica essa multiplicidade ao questionar verdades absolutas e legitimar múltiplas formas de vivenciar o sagrado.

A secularização, segundo Taylor (2010a), implica numa ruptura com as estruturas religiosas tradicionais e inaugura um *ethos* marcado



pela busca da autenticidade, essa valorização da autenticidade está no cerne da pós-modernidade, onde os indivíduos são convidados a construir suas próprias trajetórias de sentido, inclusive na dimensão espiritual, nesse contexto, as práticas religiosas deixam de estar vinculadas estritamente às instituições, ganhando uma dimensão mais individualizada e fluida. Argumenta, assim, que essa mudança reflete o deslocamento do foco das obrigações comunitárias e dogmáticas para a realização pessoal e a conexão genuína com o transcendente, entretanto, a pós-modernidade também apresenta desafios, como a superficialidade ou a fragmentação da experiência espiritual, muitas vezes reduzida a uma estética ou consumo simbólico e, ainda assim, a religião, mesmo transformada, mantém sua relevância como resposta às demandas existenciais e como expressão da busca por sentido em um mundo marcado pela incerteza.

Segundo Taylor (2010b, p. 106), a religião “[...] apresenta uma razão antes como eu faço quando descrevo minhas preocupações mais básicas a fim de fazer os outros entenderem o sentido que tem minha vida”. Assim, podemos concluir que a secularidade entende um novo lugar para as religiões na era secular:

De facto, excluir a dimensão religiosa não é uma condição necessária do meu conceito de secular, nem mesmo suficiente. Uma associação secular baseia-se tão-só na ação comum, que exclui qualquer fundação divina para essa associação, mas nada impede as pessoas assim associadas de prosseguirem a sua forma religiosa de vida (Taylor, 2010b, p. 100).

A secularidade, portanto, consiste em explicitar novas condições de crenças, à luz de um pluralismo, sem reduzir a fé a seu espaço privado ou tematizar a secularização apenas enquanto diminuição da crença em Deus. Para Taylor,

Essa mudança representa a área central e a origem da ‘secularização’ moderna, no terceiro sentido em que tenho empregado este termo, ou seja, das novas condições nas quais crenças e descrenças coexistem de forma conturbada e geralmente entram em conflito uma com a outra na sociedade contemporânea (2010a, p. 354).

Taylor (2010a) enfatiza que a secularização contemporânea não elimina o sagrado, mas cria um campo de concorrência entre diferentes formas de crença e descrença tendo que no mundo pós-moderno a religião convive com um imaginário social que valoriza a imanência e as explicações seculares sem que isso implique um antagonismo irreconciliável. Em



vez disso, a pós-modernidade reconfigura a espiritualidade, permitindo que os indivíduos transitem entre narrativas religiosas e seculares de maneira fluida, percebendo essa convivência como uma oportunidade para o diálogo, entretanto, reconhecendo os desafios da coexistência, como o risco de um relativismo que dilua a profundidade das convicções religiosas, assim, a secularização, longe de ser uma ameaça à religião, pode ser entendida como uma dinâmica que a renova, desafiando-a a responder às necessidades e anseios do sujeito contemporâneo. A filosofia de Taylor (2010a) nos convida a repensar a religião na pós-modernidade não como um resquício do passado, mas como uma força em constante transformação, profundamente entrelaçada com as questões de identidade e autenticidade que definem nosso tempo.

Bauman (2014), em *Modernidade Líquida*, argumenta que a fluidez das relações sociais contemporâneas também impacta a religiosidade, as instituições religiosas perdem centralidade, enquanto novas formas de religiosidade emergem, muitas vezes temporárias e personalizadas, como uma resposta às incertezas da vida pós-moderna.

Portanto, em suas reflexões sobre a modernidade líquida, explora como a fluidez das relações humanas, culturais e institucionais influencia a experiência religiosa na pós-modernidade, marcada pela fragmentação e pela volatilidade, a religião, como outras dimensões da vida social, torna-se “líquida”, esse conceito reflete a transitoriedade e a falta de fixidez das crenças e práticas espirituais, que passam a ser moldadas por uma lógica de consumo e escolha individual (Bauman, 2013). A religião líquida não mais se ancora em instituições sólidas, dogmas rígidos ou hierarquias estáveis, ela se apresenta como uma espiritualidade flexível e personalizada, adaptada às demandas e desejos de cada indivíduo, esse processo de individualização da fé, segundo Bauman (2014), reflete a busca por respostas rápidas e adaptáveis às incertezas do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que enfraquece os laços comunitários tradicionais que antes sustentavam as práticas religiosas.

Bauman (2014) destaca que, na modernidade líquida, a religião se insere no mercado simbólico como uma mercadoria cultural, com isso, os indivíduos escolhem práticas e crenças espirituais de maneira semelhante à forma como consomem bens e serviços, essa lógica de consumo implica a substituição do compromisso com uma comunidade ou doutrina por uma adesão momentânea e utilitária, às formas religiosas que mais satisfazem as necessidades emocionais, psicológicas ou existenciais do



momento. A religião líquida, portanto, perde parte de sua profundidade transcendente, sendo frequentemente reduzida a uma estética espiritual ou a um conjunto de ferramentas práticas para alcançar bem-estar e felicidade individual, embora esse fenômeno amplie o acesso a diferentes expressões religiosas, ele também pode gerar uma espiritualidade superficial, marcada pela falta de enraizamento e pelo constante desejo de novidade, características centrais da sociedade de consumo.

Um dos principais impactos da liquidez sobre a religião é a dificuldade de construção de identidades religiosas estáveis em um mundo onde as fronteiras entre o sagrado e o profano se tornam cada vez mais tênues, a religião deixa de oferecer certezas absolutas ou verdades universais, passando a funcionar como um recurso entre muitos na construção de narrativas identitárias, essa fragmentação afeta tanto o indivíduo, que se vê desafiado a criar sua própria espiritualidade, quanto as instituições religiosas, que enfrentam a perda de influência e a necessidade de se reinventar para atrair fiéis (Bauman, 2014).

Apesar disso, Bauman (2014) não vê a religião líquida apenas de forma negativa, ele reconhece que, em sua fluidez, ela abre espaço para uma maior diversidade e diálogo inter-religioso, permitindo que novas formas de espiritualidade e sentido floresçam, mas ele também alerta que essa liquidez exige dos indivíduos um esforço constante de reflexão e crítica para evitar que a espiritualidade se torne vazia ou apenas mais um produto descartável da modernidade líquida.

Bauman (2013) explora a sensação de desorientação que emerge em uma sociedade caracterizada pela dissolução das estruturas sólidas e pela insegurança constante, argumentando que, ao contrário da modernidade sólida, que prometia ordem e progresso por meio da razão e da ciência, a pós-modernidade é marcada pela incerteza e pela fragmentação das grandes narrativas, incluindo as religiosas (Bauman, 2014). Para Bauman,

[...] De fato, pode-se definir a Modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do dismantelamento da ordem 'tradicional', herdada e recebida; em que 'ser' significa um novo começo permanente [...] Com modelos de pureza que mudam demasiadamente depressa para que as habilidades da purificação se deem conta disso, já nada parece seguro: a incerteza e desconfiança governam a época (2013, p. 30).



Esse cenário, no entanto, não elimina a busca humana por sentido, pelo contrário, intensifica-a, mas em novas formas, muitas vezes transitórias e individualizadas na ausência de fundamentos absolutos, a religião na pós-modernidade se apresenta como uma resposta possível a esse mal-estar, mas também sofre com a volatilidade e a falta de comprometimento que caracterizam as relações humanas e institucionais. Para Bauman (2013), a fluidez do mundo pós-moderno transforma a religião em uma experiência fragmentada, onde o sagrado é muitas vezes buscado como um refúgio temporário diante da insegurança existencial, esse processo reflete o paradoxo central da pós-modernidade: ao mesmo tempo em que desconstrói verdades universais e dogmas, ela estimula uma incessante busca por significado, tornando a religião, mesmo em sua forma líquida, um espaço essencial de resistência à fragilidade do sentido na contemporaneidade.

3 A Integração das Perspectivas psicanalítica e filosófica acerca da Religiosidade na Pós-modernidade

Tanto a psicanálise quanto a filosofia iluminam aspectos essenciais da religiosidade na pós-modernidade, a primeira oferece uma lente para entender os processos internos do sujeito, enquanto a segunda aborda as condições externas e coletivas que moldam o fenômeno religioso; juntas, essas perspectivas mostram que a religiosidade contemporânea é um campo dinâmico, onde o sagrado é constantemente renegociado.

A integração das perspectivas psicanalítica e filosófica na análise da religiosidade pós-moderna oferece uma compreensão ampliada das dinâmicas que permeiam a relação entre o sujeito e o sagrado, pois, na psicanálise, a religião é muitas vezes interpretada como uma resposta à falta estrutural que caracteriza a subjetividade humana, uma tentativa de preencher o vazio existencial com narrativas transcendentais, por outro lado, a filosofia contemporânea, especialmente em autores como Taylor (2010a) e Bauman (2013), enfatiza o papel da religião como prática social e cultural, profundamente influenciada pelas condições históricas e sociais da pós-modernidade.

A combinação dessas perspectivas permite compreender como os indivíduos não apenas internalizam o sagrado como parte de sua subjetividade, e sim, também, o reinterpretam de acordo com os valores e



desafios da Pós-modernidade. Assim, a religião emerge como um espaço de negociação contínua entre o desejo humano por sentido e as realidades sociais fragmentadas. Tanto a psicanálise quanto a filosofia sugerem que a religião na pós-modernidade assume um caráter mais flexível e reflexivo.

Do ponto de vista filosófico, o sujeito contemporâneo se encontra em uma posição de constante reconstrução, utilizando a religiosidade como uma ferramenta para lidar com as ansiedades e incertezas do mundo líquido descrito por Bauman (2014); e que a religião é vista como uma prática que transcende as instituições tradicionais e se adapta à pluralidade cultural e ao *ethos* de autenticidade, tal como teorizado por Taylor (2012); evidenciando que, longe de ser uma prática estática, a religiosidade na pós-modernidade é um processo dinâmico, marcado pela interação entre as aspirações subjetivas do indivíduo e as transformações culturais e sociais, assim, a religião atua como um mecanismo de resiliência e reinvenção, ajudando os indivíduos a navegar pelas complexidades da vida contemporânea sem perder o vínculo com uma dimensão de transcendência.

A integração dessas abordagens filosóficas ilumina como a pluralidade característica da pós-modernidade influencia a experiência religiosa, pois, na perspectiva filosófica, especialmente em Taylor (2012), a secularização não representa a extinção da religião, e sim, sua diversificação em novos modos de prática e crença; já psicanaliticamente, essa pluralidade reflete a multiplicidade de desejos e identificações que caracterizam o sujeito pós-moderno.

Relevamos que as instituições religiosas, que outrora detinham autoridade incontestável, enfrentam agora o desafio de dialogar com essa pluralidade e oferecer respostas relevantes às novas demandas subjetivas e sociais. Nesse contexto, digamos que a religiosidade líquida de Bauman (2014) dialoga com a análise psicanalítica ao revelar como os indivíduos criam e recriam práticas religiosas que atendem às suas necessidades, muitas vezes transitórias, isto é, trata-se de uma reconstrução constante do sagrado que ilustra a capacidade adaptativa da religião, ao mesmo tempo em que expõe sua vulnerabilidade às dinâmicas fluidas do mundo contemporâneo.

Defendemos que a integração das perspectivas psicanalítica e filosófica permite refletir sobre a religião em tempos de fragmentação, por exemplo, seu papel ético, visto que, enquanto a psicanálise explora como a religião pode funcionar como uma estrutura simbólica que



organiza o desejo e promove a coesão subjetiva, a filosofia aponta para sua capacidade de oferecer um horizonte ético compartilhado, mesmo em meio à diversidade. Segundo Freud,

Não tem fundamento o receio de que a psicanálise, primeira a descobrir que os atos e estruturas psíquicas são invariavelmente supra determinados, fique tentada a atribuir a uma fonte única a origem de algo tão complicado como a religião. Se a psicanálise é compelida – e é, na realidade, obrigada – a colocar toda a ênfase numa determinada fonte, isso não significa que esteja alegando ser essa fonte a única ou que ela ocupe o primeiro lugar entre os numerosos fatores contribuintes. Somente quando pudermos sintetizar as descobertas dos diferentes campos de pesquisa é que se tornará possível chegar à importância relativa do papel desempenhado na gênese das religiões pelo mecanismo estudado nessas páginas. Essa tarefa está acima dos meios de que dispõe um psicanalista, assim como de seus objetivos (1996, p. 125).

É importante registrarmos que, na pós-modernidade, a religião se reinventa não apenas como uma busca individual por sentido, e sim, como uma prática social que pode promover valores de solidariedade, compaixão e diálogo. Essa dimensão ética, por sua vez, reforça a ideia de que, apesar de sua liquidez e individualização, a religião ainda desempenha um papel crucial na construção de vínculos humanos e na mediação entre o indivíduo e o coletivo.

Assim sendo, a análise integrada, psicanalítica e filosófica, revela que a religiosidade na pós-modernidade não é apenas uma resposta ao mal-estar individual, pois, trata-se de uma força transformadora no tecido social.

Freud e Lacan, enquanto representantes centrais da psicanálise, dialogam implicitamente com as ideias de Taylor e Bauman na medida em que exploram as tensões entre a subjetividade humana e as demandas do mundo externo. Freud (2018), em *O Mal-Estar na Civilização*, argumenta que a religião, enquanto ilusão coletiva, surge para mitigar o sofrimento intrínseco à condição humana, oferecendo uma narrativa de segurança em face da angústia existencial e das forças destrutivas do inconsciente; perspectiva essa a qual ressoa com a proposta teorizada por Bauman, que analisa como a pós-modernidade exacerba as incertezas e fragilidades do sujeito, impulsionando-o a buscar refúgio em práticas religiosas fluidas e adaptáveis. Freud (2018), referindo-se a sua tese acerca da religião, compreende que a mesma não é irrefutável. Como afirma Freud:



Do mesmo modo, um homem transforma as forças da natureza não simplesmente em pessoas com que pode associar-se como seus iguais – pois isso não faria justiça à impressão esmagadora que essas forças causam nele –, mas lhes concede o caráter de um pai. Transforma-as em deuses, seguindo nisso [...] não apenas um protótipo infantil, mas um protótipo filogenético (2018, p. 26).

Já Lacan (1988), por sua vez, com sua teoria do desejo e do Outro, traz uma leitura mais estrutural, mostrando como o sujeito pós-moderno, fragmentado e em constante reconstrução, encontra na religião uma tentativa de lidar com a ausência de um sentido fixo ou com a dissolução do simbólico sólido; tratando-se de uma abordagem psicanalítica que se alinha à filosofia de Taylor (2010a), o qual enxerga na autenticidade e na pluralidade contemporâneas a expressão de um desejo profundo por sentido, mas que, assim como Lacan sugere, nunca é plenamente satisfeito, perpetuando o ciclo de busca e criação de narrativas.

Segundo Lacan (2005), o sujeito, na sua perene luta com o real, ainda que tenha todas as explicações da ciência e esforços científicos para interpretar a realidade e o próprio indivíduo, ainda assim têm questionamentos e indagações perturbadoras, as incertezas. Desta forma, a religiosidade continua tendo muita utilidade, isto é, suprir a demanda por certezas, como proteção, para confortar e etc. Para ele, a religião “tem recursos de que sequer se suspeita, basta ver como ela fervilha” (Lacan, 2005, p. 65). Defendendo que,

[Os religiosos] gastaram um tempo, mas de repente compreenderam qual era sua chance com a ciência. Não precisam dar um sentido a todas as reviravoltas introduzidas pela ciência. E, no que se refere ao sentido, eles conhecem um bocado. São capazes de dar sentido a qualquer coisa. Um sentido à vida humana, por exemplo. São formados nisso. Desde o começo, tudo o que é religião consiste em dar um sentido às coisas que outrora eram coisas naturais. Não é porque as coisas vão se tornar menos naturais, graças ao real, que se vai parar de secretar o sentido. E a religião vai dar um sentido às experiências mais curiosas, aquelas pelas quais os próprios cientistas começam a sentir uma ponta de angústia. A religião vai encontrar para isso sentidos truculentos. É só ver o andar da carruagem, como eles estão se atualizando (Lacan, 2005, p. 65).

Diante da insustentabilidade do real, Lacan (2005), então, confiava ou na psicanálise ou na religião, todavia, como vimos, mesmo



que, paradoxalmente, apostando no triunfo da religião em detrimento da psicanálise, para ele, “A psicanálise não baterá a religião; a religião é imperecível. A psicanálise não triunfará, ela sobreviverá ou não” (Lacan, 2005, p. 65), conforme vimos, ele entendia a psicanálise como um sintoma do seu tempo e, como tal, sumiria ao se solucionar o mal-estar. Lacan aponta que,

Ela [a religião] encontrará uma correspondência de tudo com tudo. É, inclusive, sua função [...] O analista permanece aí. Está aí como um sintoma. Só pode durar a título de sintoma. Mas você verá que a humanidade será curada da psicanálise. Por força de mergulhá-lo no sentido, no sentido religioso naturalmente, acabarão recalçando esse sintoma (2005, p. 67).

Assim, enquanto Freud e Lacan oferecem ferramentas para compreendermos o papel da religião na estruturação do sujeito, Taylor e Bauman ampliam essa análise ao situar a experiência religiosa no contexto ético e social da pós-modernidade.

A visão freudiana da religião como um *mal necessário*, uma estrutura simbólica que organiza o desejo e controla os impulsos, encontra eco em Taylor (2010a), que considera a religião como uma prática que, mesmo em sua multiplicidade pós-moderna, pode oferecer um horizonte ético que conecta o indivíduo à comunidade.

De forma complementar, Lacan, ao explorar o vazio estrutural do sujeito, dialoga com Bauman (2013), ao revelar como a pós-modernidade exacerba a sensação de desamparo e incerteza, levando o sujeito a buscar experiências religiosas que oscilam entre a transcendência e o consumo. Essa convergência entre psicanálise e filosofia destaca como a religião na pós-modernidade se transforma em um campo híbrido: ao mesmo tempo em que atende ao desejo inconsciente de preenchimento, ela também desempenha um papel crucial na mediação dos valores sociais, configurando-se como um espaço de diálogo entre o eu e o coletivo, o desejo e a ética, o individual e o transcendente.

Compreendemos que ao explorarmos o cruzamento entre a psicanálise de Freud e Lacan e as filosofias de Taylor e Bauman, teremos uma maior e mais aprofundada compreensão de como a religião se torna um meio de responder à ausência estrutural que caracteriza tanto o sujeito quanto a sociedade pós-moderna.



Dito de outro modo, vejamos que Freud (2005; 2006) via a religião como uma tentativa de aplacar o mal-estar gerado pelo conflito entre os desejos inconscientes e as imposições civilizatórias, enquanto Lacan aprofundou essa ideia ao situar a religião no campo do simbólico, como um espaço que tenta dar consistência a um mundo marcado pelo vazio e pela falta; teorias essas que se conectam à crítica de Bauman (2013) sobre a pós-modernidade, onde os sujeitos, incapazes de encontrar estabilidade em instituições tradicionais, transformam a religiosidade em um processo transitório e adaptável, como forma de enfrentamento do vazio existencial, bem como com a teoria de Taylor (2010a), a qual, por outro lado, amplia essa análise ao enfatizar que, mesmo na pluralidade e fluidez contemporâneas, há uma persistência de uma busca por transcendência e autenticidade, sugerindo que a religião é uma das formas de articular uma narrativa que confere significado à vida individual e coletiva. Assim, podemos passar a compreender que a religião deixa de ser apenas um reflexo das angústias internas do sujeito e passa a ser um campo de ser dinâmico, moldado pela interação entre as demandas subjetivas e os desafios sociais.

Por fim, ainda defendemos que a integração das abordagens psicanalíticas e filosóficas também ilumina nossa compreensão acerca da maneira como a religião pós-moderna equilibra as necessidades individuais e os valores comunitários, pois, enquanto Freud (2018) e Lacan (2005) apontam para a religião como uma resposta simbólica às inquietações do desejo e à ausência de sentido, Taylor (2010a) e Bauman (2013) destacam seu papel como mediadora ética em um mundo fragmentado. Pois, nesse contexto pós-moderno, onde a autenticidade e a reflexividade tornam-se valores centrais, a religião não apenas reflete o desejo individual por realização, e sim, também, atua como um veículo para fortalecer laços sociais, mesmo em ambientes marcados pela fluidez.

Percebamos que Bauman (2014), em particular, ressalta como a liquidez moderna transforma a relação entre o indivíduo e a coletividade, fazendo com que as práticas religiosas, antes solidamente vinculadas a instituições, sejam reconfiguradas para atender à busca pessoal por sentido e à necessidade de conexão com um outro que compartilha de angústias similares. Logo, a religião, na interseção entre psicanálise e filosofia, aparece não somente como uma resposta à fragilidade do sujeito, uma vez que se apresenta, também, como uma prática que transcende os níveis pessoal e coletivo, permitindo uma reinvenção contínua do sagrado em uma era de incertezas.



Conclusão

Os resultados desta pesquisa indicam que, apesar de partirem de campos teóricos distintos, psicanálise e filosofia oferecem contribuições valiosas e complementares para a compreensão da religiosidade na pós-modernidade, uma vez que, a análise freudiana da religião como ilusão e o conceito lacaniano de desejo revelam como os aspectos subjetivos do sagrado permanecem centrais mesmo em um mundo marcado pela secularização. Por outro lado, as reflexões de Taylor sobre a busca por sentido em um mundo secular e as ideias de Bauman sobre a fluidez das práticas religiosas mostram como a religião se adapta às novas condições culturais, abandonando formas rígidas e assumindo características mais flexíveis e individualizadas.

Como demonstro ao longo desta pesquisa, a religião e, sobretudo, a religiosidade na pós-modernidade não desaparece, ao contrário, reinventa-se continuamente – ressignifica-se – mantendo sua função de mediar a relação do sujeito com sua falta estrutural e com as demandas de uma sociedade plural e fragmentada.

A religiosidade na pós-modernidade é uma expressão da tensão entre a busca por sentido e a fragmentação característica desse período. A integração das perspectivas psicanalítica e filosófica revela que, embora as instituições religiosas estejam em declínio, a necessidade humana pelo transcendente persiste, adaptando-se às condições de um mundo em constante transformação.

A análise integrada das perspectivas psicanalítica e filosófica sobre a religião na pós-modernidade revela um panorama multifacetado e profundo das dinâmicas espirituais contemporâneas. A partir da psicanálise de Freud e Lacan, podemos compreender a religião como uma resposta ao vazio existencial e à ausência estrutural que caracterizam o sujeito pós-moderno. Freud, conforme destacamos anteriormente, via a religião como uma ilusão que serve para mitigar o sofrimento psicológico e social, enquanto Lacan a aborda como uma tentativa de preencher a falta simbólica que constitui o sujeito, tornando-a uma busca por significados que nunca são plenamente satisfeitos. Tais compreensões se entrelaçam com a filosofia de Taylor, que, embora reconheça o processo de secularização, vê a religiosidade como uma manifestação de uma busca contínua por autenticidade e sentido, especialmente em um contexto pluralista e fragmentado, uma vez que, ele argumenta que,



mesmo na pluralidade da pós-modernidade, os indivíduos continuam a recorrer à religião como uma forma de encontrar um fundamento para suas existências individuais e coletivas, mesmo que esse fundamento não seja mais garantido pelas instituições tradicionais. Nessa mesma direção, precisamos ressaltar que a teoria da modernidade líquida e/ou pós-modernidade de Bauman nos oferece uma visão crucial sobre a fluidez da religião na pós-modernidade, propondo que as crenças e práticas religiosas, assim como outras formas de identidade, tornaram-se cada vez mais instáveis, mutáveis e personalizadas, argumentando que a liquidez da modernidade reflete a transitoriedade das instituições e das relações humanas, as quais, também, afetam a forma como os indivíduos se relacionam com o sagrado.

Assim, em um mundo marcado pela insegurança e pela instabilidade, a religião pós-moderna não oferece mais uma verdade absoluta ou uma explicação definitiva, mas se apresenta como uma busca constante e adaptável por respostas à angústia existencial, tornando-se uma prática de resistência à incerteza e, também, um reflexo da fragilidade social e cultural.

Em convergência com essa visão que estamos a apresentar acerca da religiosidade pós-moderna, precisamos relevar que Taylor também observa que, em um contexto secularizado, a religião adquire uma flexibilidade maior, mas, ao mesmo tempo, continua a desempenhar um papel fundamental na construção de uma ética e de uma identidade, seja de forma tradicional ou inovadora.

Destarte, enfatizamos que a integração das abordagens psicanalítica e filosófica oferece uma compreensão mais abrangente da religiosidade na pós-modernidade, não apenas como um fenômeno de resposta à crise subjetiva, e sim, como um reflexo das transformações sociais e culturais mais amplas, tendo vista que, ao combinar a análise da psique humana, com suas necessidades de sentido e coesão, com as mudanças estruturais descritas por Bauman e Taylor, podemos perceber a religião como uma prática que, embora profundamente marcada pela fluidez e pela individualização, continua a ser uma arena de experimentação e reinvenção, capaz de fornecer, ao mesmo tempo, respostas pessoais e coletivas.

Logo, advogamos que a religião pós-moderna, enquanto reflexo das incertezas contemporâneas, pode, portanto, também representar uma nova forma de transcendência, uma busca por algo que, embora mutável e adaptável, seja capaz de sustentar o indivíduo e a coletividade



em tempos de fragmentação e desorientação. Nesse contexto, a religião e/ou religiosidade pós-moderna não é descartada ou superada, e sim, transformada, mostrando-se como uma prática fundamental na navegação da complexidade da vida contemporânea, numa condição pós-moderna, marcada pela constante busca de sentido, conexão e identidade.

Em última análise, a análise integrada das abordagens psicanalíticas e filosóficas nos permite entender a religião como um fenômeno multifacetado e em constante evolução, que reflete e responde às profundas mudanças do sujeito e da sociedade na pós-modernidade.

Referências

BRANDÃO, Hugo. *A constituição das novas subjetividades e Religiosidade na pós-modernidade*. Goiânia: Phillos Academy, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ESCOBAR, Lúcio; RODRIGUES, Michele. Pulsões de Vida e Morte: a relevância das teorias de Freud e Lacan na saúde mental na era digital. *Revista Cognitionis*, v. 8, n. 1, p. 01-19, 2025.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma Ilusão e o mal-estar na civilização*. São Paulo: L&PM, 2018.

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2013.

FREUD, Sigmund. *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.

FREUD, Sigmund. *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LACAN, Jacques. *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.



LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACERDA, Mirela. O lugar dos pais em Freud e Lacan. *Revista Observatorio de La Economía Latinoamericana*, Curitiba, v. 21, n. 9, p. 1377-1388, 2023.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEBRUN, Jean-Pierre. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matemático, 2008.

LEBRUN, J. P. *O mal-estar na subjetivação*. Porto Alegre: CMC, 2010.

MATTEO, Vincenzo. Ricoeur, leitor de Freud e Lacan: a questão do sujeito em Da interpretação. *Revista Eleuthería*, v. 6, n. especial, 2021.

NASCIMENTO, Willacmes. Uma recepção criativa de Nietzsche desde América Latina: a “Morte de Deus” como possibilidade de libertação. *Revista Analles*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, 2025.

PARCIANELLO, Aline; GRADISK, Eliane; PINHO, Sabrina. O inconsciente em Freud e em Lacan. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 10, 2024.

TAYLOR, Charles. *Uma Era Secular*. São Leopoldo: Unisinos, 2010a.

TAYLOR, Charles. *Imaginários Sociais Modernos*. Lisboa: Texto & Grafia, 2010b.

TAYLOR, Charles. O que significa secularismo? In: ARAÚJO, Luiz; MARTINEZ, Marcela; PEREIRA, Taís. *Esfera pública e secularismo: ensaios de filosofia política*. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.